

PEDRO CASSIANO SANTOS SÓCIO DA VIEIRA DE ALMEIDA E ASSOCIADOS

“Vamos sentir um aperto quase generalizado no acesso ao crédito”

Lidera uma equipa de advogados de bancário e financeiro distinguida pelo 10.º ano consecutivo pela Euronext Lisbon, Pedro Cassiano Santos explica a importância do prémio e fala da atual crise e do financiamento às empresas.

Pelo 10.º ano consecutivo, a equipa de bancário e financeiro da sociedade de advogados de Vieira de Almeida (VdA) foi considerada como “Law Firm Bonds”, no âmbito dos Euronext Lisbon Awards. Pedro Cassiano Santos, sócio responsável por esta área de prática, explica ao Negócios o significado desta distinção, aborda o funcionamento do mercado de capitais em Portugal e antevê que, mesmo após o fim das moratórias sobre o crédito concedido, as empresas viáveis vão continuar a ser atrativas para financiamento bancário.

No atual contexto pandémico, qual é o estado de saúde do mercado de capitais em Portugal?

O mercado de capitais português é pequeno, o que gera uma dificuldade estrutural de falta de liquidez, sofrendo com a pandemia essencialmente por efeito do abrandamento da economia que todos temos sentido e que agrava esse efeito. Ao longo deste ano, o mercado tem continuado a funcionar, têm continuado a surgir novas emissões e novos emitentes, nomeadamente em 2020, seja no segmento de capital seja de dívida.

Como pode o mercado de capitais ajudar a economia a recuperar da crise que atravessamos?

Os mercados de capitais oferecem fontes alternativas de financiamento e de capitais alheios para (re)capitalização dos bancos e das empresas. Esses fundos certamente ajudarão a economia a recuperar da crise causada pela pandemia. Em nossa opinião são até imprescindíveis nesse processo, pela transparência acrescida que impõem em todos os processos e pela democratização que significam em relação a todos os emitentes.

Nesse âmbito, que papel cabe ao Estado, pensando até nos fundos que vão chegar de Bruxelas?

Não vão ser os Estados – nem mesmo com bazucas sucessivas – a fazer todo o esforço de financiamento de que a economia precisa e a providenciar os fundos necessários à (re)capitalização/financiamento de projetos, empresas e bancos. Isso não seria viável, seria muito pouco democrático e implicaria inoportunos aumentos de impostos. Os mercados de capitais estão ao dispor para aceder a esses meios. Oxalá saibamos utilizá-los.

A banca é uma fonte de financiamento tradicional, o prolongamento das moratórias no crédito concedido pode dificultar esse papel?

Vamos inevitavelmente sentir (ou já estamos a sentir) um aperto quase generalizado no acesso ao crédito, que obviamente também

tem de ser mais rigoroso do que aquilo que aconteceu no passado.

Como é que ficará o financiamento da banca às empresas?

O adiamento de investimentos e as moratórias retiraram algum foco a novos financiamentos e estamos para já essencialmente a gerir o momento. Veremos o que acontece quando terminarem as moratórias e a atividade económica retomar. Mas as empresas e os projetos viáveis a longo prazo que sejam sustentáveis deverão poder continuar a conseguir financiar-se e a ser atrativos para financiamentos bancários e operações de mercados de capitais.

E quanto às empresas dos setores mais afetados?

Quanto a essas, vamos ter certamente de discernir quais ainda são viáveis e saber acompanhá-las, mesmo que para isso seja preciso ter planos mais arrojados para ajudar a recuperar no pós-pandemia e no pós-moratórias.

Voltando ao mercado bolsista, como é que este pode atrair mais empresas?

Não desistindo, melhorando o funcionamento das estruturas e instituições do mercado, aumentando a transparência no seu funcionamento e, condição absolutamente indispensável, assegurando a previsibilidade e a estabilidade regulatória e fiscal.

JOÃO MALTEZ

jmaltez@negocios.pt

Houve uma fase em que os incentivos fiscais foram importantes para a dinamização do mercado. Essa estratégia deveria regressar?

O melhor que se poderia fazer para dinamizar fiscalmente o mercado de capitais era um pacto de estabilidade fiscal, que assegurasse a não alteração das regras sobre tributação em períodos alongados no tempo, a saber 10, ou mesmo 20 anos.

Refere-se a que aspetos, a título de exemplo?

Como hoje acontece, era importante que se assegurasse a longo prazo que não haveria retenção na fonte nos rendimentos de valores mobiliários pagos a partir de Portugal para investidores estrangeiros que provenham de países com tributação normal.

Mas os rendimentos têm de ser tributados.

Nada a obstar a que se trate diferentemente os investidores de países com tributação anormalmente baixa e naturalmente os investidores portugueses devem pagar impostos sobre o rendimento em Portugal. Mas se queremos captar investidores estrangeiros para financiar os nossos bancos, as nossas empresas e o nosso Estado e outros emitentes públicos, não os podemos penalizar com impostos que não encontram noutras jurisdições europeias. ■



EURONEXT LISBON

Os destaques no apoio jurídico

Bruno Colaço

Segredo é gostar “verdadeiramente de trabalhar juntos”

Tendo em conta o volume de emissões de obrigações no mercado de capitais português em 2020, a Vieira de Almeida e Associados voltou a ser distinguida pela Euronext Lisbon, à semelhança dos últimos 10 anos, como “Most Active Law Firm in Bonds”. O sócio Pedro Cassiano Santos explica o que está em causa.

Que significado tem para uma equipa de advogados estar colocada, anualmente, há uma década, no topo na sua área de prática?

É um enorme orgulho, pela confiança que nos tem sido depositada por tantos emitentes, intermediários financeiros e investidores, correspondendo ao compromisso que temos também nós assumido com os mercados de capitais e com os vários stakeholders que os fazem funcionar.

Há aqui um reconhecimento de quê, em concreto?

É o reconhecimento do esforço de muita gente, de enorme qualidade, de várias gerações, todos alinhados num mesmo sentido. Significa por isso também a confirmação da lógica de escola de advocacia financeira que temos implementado, em que novas gerações de advogados se vão formando, produzindo mais e melhor em cada ano que passa.

O que é, na prática, uma Euronext Lisbon “Most Active Law Firm in Bonds”?

Esta é uma distinção atribuída pela Euronext Lisbon com base no volume de emissões de obrigações (clássicas, hipotecárias, titulariza-

das, subordinadas, etc...) admitidas à negociação naquele mercado regulamentado no ano anterior. Este prémio significa que a nossa equipa de advogados foi a que mais operações desta natureza trouxe para o mercado em Portugal.

O que é que fazem de diferente face à concorrência?

A VdA tem uma grande equipa, muito coesa e em que são fortes os laços de confiança entre os seus membros. Gostamos verdadeiramente de trabalhar juntos e acompanhamos este mercado e os seus vários segmentos de forma consistente, com um conhecimento técnico específico das operações que assessoramos que é reconhecido pelos nossos clientes. Tomámos a decisão estratégica há muitos anos de assumir a coordenação dos processos junto dos reguladores e de assumirmos a iniciativa de redação de prospectos, para aprovação em

Portugal e noutros mercados. Foi um passo determinante e pensamos que esse posicionamento nos distingue ainda hoje.

Há de algum modo “falta de comparência” de outras sociedades que estão no mercado? “Não há alternativas”?

Não, de todo. Em geral, o nível da advocacia financeira portuguesa compara bem com o de outras praças europeias e vários escritórios em Portugal têm contribuído também para elevar esse nível. Não há falta de alternativas (em Lisboa também temos firmas que participam nestes mercados em Londres e em Madrid), o que acontece é que este mercado exige muito ritmo e dedicação permanente, e também disponibilidade para partilha de sinergias, impondo um modo de funcionamento a que nem todos estão dispostos ou têm as condições reunidas para o fazer. ■

Bruno Colaço

Os vencedores da 10.^a edição dos Euronext Lisbon Awards foram revelados esta semana e, como habitualmente, os assessores jurídicos também tiveram direito a prémios, distribuídos por duas categorias. A Vieira de Almeida & Associados foi considerada “Law Firm Bonds” nesta edição de 2021, sendo igualmente finalista as sociedades de advogados PLMJ e Uría Menéndez.

Já na categoria “Law Firm Equity”, a distinção coube à Morais Leitão, tendo incluído o núcleo de três finalistas também a Garrigues e a Sérvulo. Criados em 2011, os Euronext Lisbon Awards procuram distinguir emitentes, intermediários financeiros, e outras instituições e pessoas que, no ano anterior à atribuição, se destacaram no mercado de capitais.



Sócios da equipa de bancário e financeiro da VdA, a partir da esquerda, José Pedro Fazenda Martins, Hugo Moredo Santos, Paula Gomes Freire, Pedro Cassiano Santos, Benedita Aires, Pedro Coelho Simões e Tiago Correla Moreira.